

Brasil luta por mais divisas

VERA BRANDIMARTE

O ritmo de saída de dólares do país diminuiu depois que o governo dobrou as taxas de juros, mas, ainda assim, neste mês de novembro, o mercado financeiro calcula que o resultado líquido de entrada e saída de divisas do país no câmbio comercial e flutuante esteja negativo em cerca de US\$ 2 bilhões. Esta demora para reverter o quadro de perdas de dólares deixa o mercado apreensivo.

Os abalos no cenário internacional provocados pela crise asiática estão reduzindo claramente o impacto que a alta de juros e o pacote fiscal teriam sobre o investidor estrangeiro. Um ingresso mais firme de dólares seria agora o sinal de que esse investidor estaria confiando no país e seus dólares serviriam para cobrir o rombo de no mínimo US\$ 30 bilhões nas contas externas de 1998.

Mas, apesar da resposta tímida do

capital estrangeiro às medidas do governo, o consenso no mercado financeiro é que a saída para os problemas na área externa não passa pela desvalorização cambial, pelo menos não neste momento.

Competição – Desvalorizar o câmbio seria uma forma de recuperar a competitividade que as exportações brasileiras estão perdendo nos mercados europeu e americano para os concorrentes asiáticos. Nos últimos seis meses, contados até terça-feira, a Coreia desvalorizou sua moeda em 13,8%, Taiwan em 13,5%, Cingapura em 11,2%, a Indonésia em 42,8%, a Tailândia em 57,2%, e o Japão em 8,6%. Neste período, a desvalorização no Brasil foi de 3,6%.

Se os produtos brasileiros ficassem mais competitivos via desvalorização do câmbio, o Brasil geraria mais receita de exportação, reduzindo o déficit da balança comercial e, conseqüentemente, da conta de tran-

sações correntes do balanço de pagamentos. No entanto, dado o nível das desvalorizações que ocorreram nos países asiáticos, se o Brasil tentasse recuperar a defasagem do real frente a uma cesta de moedas, teria que dar uma correção muito forte no câmbio, o que poderia comprometer o plano de estabilidade econômica.

A saída, caso as reservas cambiais continuem sangrando, passa muito mais por um acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI) do que por uma desvalorização, dizem executivos de bancos. Pelos novos critérios de empréstimos aos países membro do Fundo, o Brasil teria direito a um crédito *standby* de cerca de US\$ 9 bilhões. Com mais um pacote de crédito de US\$ 10 bilhões, esse acordo daria um *colchão* para o Brasil enfrentar a fase de turbulência.

Mas, se a desvalorização do câmbio não é considerada a resposta mais adequada neste momento em que o

país está perdendo divisas, por outro lado cresce a convicção de que no próximo ano a política cambial não seguirá a trajetória traçada antes da crise asiática. O Banco Central previa que o câmbio continuaria sendo desvalorizado pouco acima da inflação para, em três anos, corrigir uma defasagem acumulada de cerca de 20%. Essa meta, para o mercado, teria feito água diante do terremoto asiático.

Como e quando o Banco Central ajustará a política de correção do câmbio ninguém se arrisca a chutar. Mas a percepção é que os acontecimentos na Ásia precipitaram a necessidade de corrigir a defasagem cambial de maneira mais rápida. Até porque, como o próprio governo admite, a manutenção de taxas de juros tão altas por um período muito grande de tempo arrebentaria a economia com uma fortíssima recessão, comprometendo da mesma forma a continuidade do plano de estabilização.